

# Desafiando poderes coloniais na construção do conhecimento acadêmico – autoetnografia performática, corpos e subjetividades

[humanas.blog.scielo.org/blog/2019/10/15/desafiando-poderes-coloniais-na-construcao-do-conhecimento-academico-autoetnografia-performatica-corpos-e-subjetividades/](https://humanas.blog.scielo.org/blog/2019/10/15/desafiando-poderes-coloniais-na-construcao-do-conhecimento-academico-autoetnografia-performatica-corpos-e-subjetividades/)

Interface

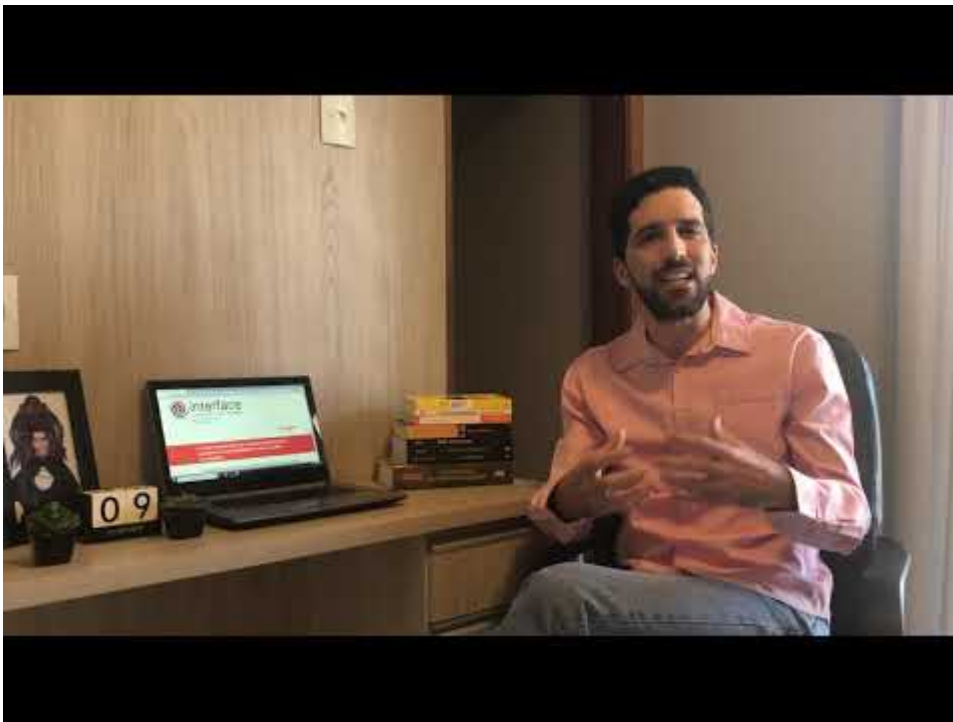
October 15, 2019 15:00



**Gustavo Antonio Raimondi, Professor da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil**

**Claudio Moreira, Professor da University of Massachusetts, Amherst, MA, EUA**

**Nelson Filice de Barros, Professor da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil**



Watch Video At: [https://youtu.be/sk4L\\_ufrDY](https://youtu.be/sk4L_ufrDY)

Questionando verdades, tensionando a robotização da pesquisa e subvertendo a norma / a ordem / a regra / a teoria / o poder colonial, a autoetnografia performática se mostra como um recurso teórico e metodológico potente para vocalização de vozes sistematicamente silenciadas, negligenciadas e excluídas na academia. Na tentativa de realizar essa prática metodológica na escola médica, a qual sustenta seus discursos institucionais hegemônicos baseado na coerência biológica heteronormativa, os autores do artigo intitulado “O corpo negado pela sua ‘extrema subjetividade’: expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa”, publicado no periódico Interface – Comunicação, Saúde, Educação (v. 23), problematizam a colonialidade do saber na ética em pesquisa.

“Era uma vez ...” um desejo de pesquisa que buscava problematizar como a formação em saúde, no caso a medicina, incluía e excluía determinados corpos, a partir de regras e padrões construídos culturalmente e reiterados pelas (in)certezas do discurso médico, relacionando-se ao campo do *natural*. Era preciso, então, propor reflexões sobre o corpo, não apenas como fato natural, mas a sua correlação com os corpos que (não) importam (na) para a prática médica. A fim de evitar o silenciamento das impressões, reflexões e vivências do corpo daquele que pesquisa, a autoetnografia performática foi escolhida como recurso metodológico.

Compreende-se que a autoetnografia busca problematizar as resistências entre os “eus” (auto) e o coletivo (etno) no ato de escrever (grafia). Ela é uma escrita que pede a crítica ao nível mais básico das relações, visando às estruturas opressivas em nossas vidas diárias (DENZIN, 2018). Sendo assim, a autoetnografia pode ser considerada “uma forma de saber que tem o potencial de examinar a justiça social, os sistemas de opressão e o neocolonialismo de nossos encontros com experiências vividas entre identidades e mundos” (DIVERSI; MOREIRA, 2018, p. 39). Trata-se do desaparecimento do “outro” e do eu como localizações espaço-temporal fixas, para o reconhecimento do fluxo performático do “eu-como-o-outro”, movendo-se, assim, do pessoal para o político (DENZIN, 2018).

Mas, “era uma vez ...” o encontro com o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Diante desse encontro, os pesquisadores encontraram em seus próprios corpos o que a “Ciência” e a Plataforma Brasil/CEP querem assegurar: a suposta “VERDADE” científica sobre um objeto de conhecimento “coerente” com os pressupostos científicos do distanciamento, da neutralidade e da coerência à natureza, que pode ser sistematicamente observada, reproduzida e generalizada.

Com isso, os autores problematizam em um texto em primeira pessoa, permeado por vários “era uma vez ...”, as justificativas que sustentaram (e ainda podem sustentar) a colonialidade do saber na ética em pesquisa. Assim, eles propõem uma linguagem de pesquisa e escrita que convida os/as leitores/as a questionarem e desaprenderem o modo dominador inerente à ciência. Mas seria esse recurso possível de ser considerado um texto científico (RAIMONDI, MOREIRA, BARROS, 2019)? Essa questão é outra estória em que “era uma (outra) vez...”

## Referências

---

DENZIN, N. K. *Performance autoethnography*. New York: Routledge, 2018.

DIVERSI, M.; MOREIRA, C. *Between autoethnographies: a path towards social justice*. New York: Routledge, 2018.

RAIMONDI, G. A., MOREIRA, C. and BARROS, N. F. This is (not) a scientific paper. *Qualitative Inquiry*, 2019. Online ISSN: 1552-7565 [reviewed 24 August 2019]. DOI: [10.1177/1077800419868510](https://doi.org/10.1177/1077800419868510). Available from: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1077800419868510>

### **Para ler o artigo, acesse**

---

RAIMONDI, G. A., MOREIRA, C. and BARROS, N. F. de. O corpo negado pela sua “extrema subjetividade”: expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa. *Interface (Botucatu)*, v. 23, e180434, 2019. ISSN: 1414-3283 [viewed 15 October 2019]. DOI: [10.1590/interface.180434](https://doi.org/10.1590/interface.180434). Available from: <http://ref.scielo.org/tg4fs8>

### **Link externo**

---

Interface – Comunicação, Saúde, Educação – ICSE: [www.scielo.br/icse](http://www.scielo.br/icse)